

Depois
daquele
semestre

Glauco
Stauffenberg



Existem aqueles que se boicotam
sofrendo por antecipação...

E aqueles que por culpa, sofrem depois.

1

“Se o egoísmo prevalece não é amor.
É sede de si mesmo.”

Aquele resto de ano foi terrível, eu não conseguia concentrar nas aulas, não conseguia nem ir na casa da minha irmã, passear no bairro, tudo me lembrava o Pedro. Eu não era culpada de nada que tinha acontecido com ele, jamais o prometi amor, não jurei que ficaríamos juntos o resto da vida. Mas mesmo assim, resolvi permanecer um bom tempo isolada, não queria conversar com os poucos colegas que ficaram, e me mantive um pouco distante de Bruno.

Mesmo o ignorando ele estava ali do meu lado, sempre dizendo que se eu

precisasse era só estender a mão.

Em uma tarde mordorrenta ele veio aqui em casa, eu estava sentada na cama olhando para o piso. Chegou, ajoelhou-se na minha frente, levantou o meu rosto e disse que me completaria, que iríamos começar do zero, que ele queria uma chance para concertar tudo o q eu havia ocorrido. Que realmente me queria, que estaria para sempre comigo. Segurou a minha mão, levantamos juntos e sem esperar ele me beijou.

Como estava extremamente carente, me deixei levar por aquele beijo, abri os olhos e o encarei, ele fez o mesmo, assim começamos a gargalhar e nos jogamos na cama.

Quando deitamos, ficamos em silêncio e olhando para o teto.

Continuamos conversando sobre a vida e ele quebrou aquela calma dizendo:

- Quer ser minha noiva?

Eu levantei assustada e fiquei sentada. Não conseguia expressar nenhum sentimento, nem responder. Quando consegui pensar em algo e fui falar ele continuou.

- Eu sei que você aceita. Não precisa dizer nada.

De certo eu aceitaria, mas creio que aquele não era o momento para isso. Claro que eu o queria, muito mesmo, mas aquele momento eu estava voltando do meu isolamento, minha cabeça ainda estava confusa, mas para não o contrariar, apenas sorri em um sinal de aceitação.

Passamos a semana toda resolvendo as questões da festa e quase não nos

víamos, vez ou outra ele passava aqui em casa para dar um oi, um beijo e já ia embora. Todas as vezes que estou com o Bruno eu penso a mesma coisa:

- Será que vai valer a pena?

De certo essa era uma pergunta que só eu poderia responder. Eu procuro um relacionamento saudável, onde eu seja amada e possa amar livremente. Que eu possa contar meus segredos, rir com a boca junta na dele, tomar sorvete na mesma colher, comer brigadeiro e sorrir como se os dentes estivessem faltando. Alguém que eu possa deitar na sala, ficar de pijama e descabelada assistindo a um filme e no final nos beijarmos igual ao casal da trama.

Que eu possa ser para o meu amado, que eu possa investir no relacionamento

sem parecer ser boba, que eu possa fazer tudo o que desejo sem ser julgada, sem ter que inventar um personagem para satisfazer o meu amado, sem ter que usar caricaturas.

E mais uma vez lembrei-me do Pedro, mas estava certa que era hora de caminhar, não adianta chorar, querer viver o passado, é bonito justamente por não ser mais acessível.

Na memória permanecem os olhos daquele meigo e carinhoso menino que se propôs a me amar. Sei que talvez eu tenha errado, mas sempre fiz o que eu queria fazer e valorizei quem eu acho que é o melhor pra mim. O meu coração é totalmente do Bruno, ele é o homem com quem eu quero me casar, ter meus filhos e viver feliz para sempre.

Em uma sexta-feira, fui até a escola para resolvemos os últimos detalhes da colação de grau e da festa.

Os comentários na escola eram os de que os pais do Pedro estavam ali para tratar dos assuntos que talvez tenham ficado pendentes, mas a escola já havia cuidado de tudo. Assim, eles estavam voltando para o interior.

Não dei muito importância para isso, não era problema meu. Continuei a caminhar no pátio para fazer as marcações onde cada aluno ficaria durante a entrega dos diplomas.

O Bruno me chamou para ir até a porta da escola buscar algumas fitas coloridas, quando fui andando em direção a saída, me aproximando da porta, a mãe de Pedro me chamou:

- Minha filha, você que é a Jeane, não é mesmo?

- Sim, sou eu. - Prontamente respondi.

Ela continuou:

- Recolhendo as coisas do Pedro, eu encontrei essa carta com o seu nome. Não a li, resolvi te entregar. - assim ela estendeu a mão no intuito que eu pegasse a carta, mas não peguei. Então, ela continuou: - Pegue logo, menina. A carta é para você.

Fiquei um pouco resistente, já que o Pedro já não significava nada pra mim, não fazia sentido eu receber aquela carta. Mas como era a mãe dele que me solicitava, e ela estava quase chorando, por isso resolvi aceitar.

Peguei a carta, dobrei, coloquei no

bolso e continuei caminhando, sem olhar para trás, sem agradecer e sem soltar nenhuma emoção. Mesmo sentindo muito a falta de Pedro, resolvi dar mais uma chance para o amor. Tinha a certeza de que o Bruno me faria feliz e assim eu conseguia forças para esquecer tudo o que vivi este ano.

Aqui estava eu, fazendo a mesma coisa que o Pedro fez, colocando o fardo da minha felicidade no colo do outro. Será que eu estava esperando demais? Será que Bruno estava mentindo quando disse que estaria comigo o tempo todo? Será que eu estaria com ele o tempo todo?

Depois que terminamos os preparativos da formatura, o Bruno me deixou em casa.

Tomei um banho, guardei a carta em

uma caixa em cima do guarda-roupa e fui me deitar. Enquanto estive ali, olhando as bananeiras sendo balançadas pelo vento me lembrei que de Machado de Assis, dizia que *esquecer é uma necessidade*. Que *a vida é uma lousa, em que o destino, para escrever um novo caso, precisa apagar o caso escrito*. Assim, estive certa que era hora de esquecer, de vez, o Pedro.

A verdade é que jamais serei capaz de esquecer, mas era preciso um grande esforço, porque agora eu era do Bruno, só do Bruno e iríamos nos casar e viver felizes para sempre.